



AS ÚLTIMAS HORAS DE UM ESPIÃO





FRATERNIDADE ROSACRUZ - RJ



The Rosicrucian Fellowship

An association of Christian Mystics

Matriz: Rosicrucian Fellowship

2222 Mission Avenue, Oceanside, CA 92054-2399, USA

760) 757-6600 (voice), (760) 721-3806 (fax)

www.rosicrucian.com www.rosicrucianfellowship.org

AS ÚLTIMAS HORAS DE UM ESPIÃO

Por: Max Heindel

“Há mais coisas no Céu e na Terra do que sonha a nossa vã filosofia”

William Shakespeare

Ele estava sentado no jardim em ruínas de um antigo mosteiro, olhando para a mistura de flores e ervas daninhas, crianças bem cuidadas e crianças abandonadas; as últimas pareciam estar levando a melhor desde que a guerra afastou os antigos proprietários, pois os soldados que aí acampavam no momento não tinham tempo para flores.

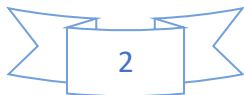
Ele não era um deles; ele era um prisioneiro, um espião. Apanhado com importantes documentos, foi sentenciado a ser fuzilado e estava desde então, aguardando o pelotão de fuzilamento que iria pôr fim a tudo.

Porém, iria tudo terminar? Que pergunta tola. Ele foi educado a acreditar em algo posterior, mas logo após entrar na Universidade, adotou a atitude mental comum, a da mente científica que prevalecia naquela instituição. O criticismo superior tinha provado a falácia da Bíblia. Na sala de dissecação, a maquinaria mecânica do corpo ficou evidente e a química podia



explicar as ações e reações do organismo. A psicologia oferecia uma explicação suficientemente ampla sobre as maravilhas da mente; em resumo, foi provado que o homem era uma máquina pensante móvel, capaz até de se perpetuar através da sua descendência, que assumia os trabalhos quando a máquina genitora estava gasta e era despachada como sucata para o cemitério. Soberano ou vassalo, mestre ou aprendiz, santo ou pecador, todos não eram senão sombras sobre a moldura do tempo.

Mas, de algum modo, ele não estava tão certo disso desde que a guerra o tinha colocado face a face com a morte em massa. Ele tinha observado centenas morrerem no campo de batalha, nas trincheiras e nos hospitais, e a convicção absoluta deles sobre a vida após a morte era, no mínimo, perturbadora. Poderia haver algo de verdadeiro na asserção deles de que tinham visto “Anjos”, quer nos campos de batalha, quer nos seus leitos de morte? Qual? Isso era uma alucinação devida à tensão causada pela situação. Entretanto, tantos tinham presenciado estas coisas, companheiros como o Tenente K e o Capitão Y, intelectuais e frios, sendo que o Capitão nunca mais praguejou depois desse dia no Marne; mais do que isso, passou a carregar consigo um livro de orações e pregou um verdadeiro sermão a um sargento por causa da sua língua ferina. E existiam outros exemplos.



Bem, ele cedo saberia; às cinco, ele estava destinado a enfrentar o pelotão de fuzilamento.

Foi ao quarto onde tinha dormido a noite anterior. O guarda, que tinha permanecido na entrada do aposento enquanto ele estava fora, seguiu-o, de espingarda na mão, e observou-o enquanto ele se atirava sobre o rude catre. Olhou para cima e viu uma cópia da famosa tela de Leonardo da Vinci, “A Última Ceia”. Nunca tinha sido particularmente aficionado da arte, mas algo parecia atraí-lo para Cristo naquele momento. Ele tinha sido indubitavelmente um nobre caráter. Foi um mártir por uma causa e esse quadro da Última Ceia evidenciou a analogia entre Cristo e o homem no catre, pois também ele estava compartilhando a generosidade da Terra pela última vez.

Então, veio à sua mente, a história de como Leonardo da Vinci tinha pedido a um amigo para criticar a pintura quando concluída e o amigo advertiu-o sobre a incongruência dos copos dispendiosos em que os apóstolos bebiam. Da Vinci esfregou o seu pincel sobre eles e suspirou; ele tinha posto todo o seu coração e toda a sua alma na face do Senhor, e tinha tido a esperança que essa face gloriosa atrairia a atenção dos espetadores e ofuscaria as demais coisas; em vez disso, um dos detalhes mais insignificantes tinha atraído a atenção do seu amigo, excluindo até o Senhor da Glória.

“Será esse o meu caso?” pensou aquele que jazia sobre o catre. “Será que concentrei o meu olhar sobre as coisas sem importância da vida? Tenho pensado sobre a morte muito frequentemente para sentir temor agora que a minha vez chegou; entretanto, há tanto ainda a fazer neste mundo, que é desagradável pensar no esquecimento.”

“Cristo disse, ‘Mas somente uma coisa é necessária’, e se Ele estiver certo, então eu fui como o amigo de Da Vinci, a minha atenção foi dirigida a coisas não essenciais. Em vez de buscar as coisas eternas, eu comprometi todo o meu tempo com tarefas materiais.”

“Hei, para quê esse devaneio? Se eu continuar assim, os meus joelhos começarão a tremer quando o pelotão de fuzilamento aparecer.”

Levantou-se e, seguido pelo atento guarda, voltou ao jardim onde foi atraído por um antigo relógio solar. Leu a inscrição: *oros non numero nisi serenas* (eu registo somente as horas ensolaradas).

“Que ditado bom, esquecer todas as coisas pequenas e sórdidas da vida e reconhecer somente o bom, o verdadeiro e o belo!”. Olhando para a sua vida, agora prestes a terminar, quão próximo ele viveu desse ditado? A consciência o força a confessar que ficou distante disso. Mas, agora era tarde. Perdido na contemplação, os seus olhos ficaram presos à sombra projetada pelo sol

no mostrador. Havia algo misterioso em torno do seu silencioso progresso, rastejando em direção às fatais cinco horas quando o pelotão deveria aparecer.

Ele não estava preocupado com a morte, mas começou a agarrar-se ao problema da vida, apossando-se dele um insuportável desejo por uma solução. Mas havia essa sombra no mostrador do relógio, “este nada intangível”, rastejando-se cada vez mais com lenta mas fatal força. Ó! Bem que ele poderia ter a chance de buscar luz para lançar sobre o problema da Vida!

Era habitual executar ao amanhecer os condenados sob a lei marcial, mas ele fora polidamente informado que uma movimentação ordenada repentinamente para a divisão que o mantinha prisioneiro, tinha ocasionado um inesperado atraso, que faria com que ele tivesse que enfrentar o pelotão de fuzilamento ao pôr do sol. Na ocasião, ele respondeu com um menear de cabeça e um encolher de ombros. O que importava? Mais cedo ou mais tarde, ele estaria preparado. Agora estava começando a desejar essas horas a mais em que poderia raciocinar.

Quando se afastou da sombra da morte no mostrador do relógio, o seu silencioso progresso parecia mais eloquente que qualquer sermão sobre a evanescência da vida e a inexorável certeza da morte.

De novo, estendeu-se sobre o catre para pensar sobre o problema da sua existência. Em menos de meia hora,

saberia tudo ou nada; se seria aniquilado tão logo a luz da vida fosse extinta pela bala, que inevitavelmente atingiria o seu coração, ou, então, seria um espírito livre. Tudo dependeria de qual das duas teorias seria a verdadeira. O sentimento de “suspense” estava crescendo com maior intensidade a cada momento e o anelo pela vida, sendo tão grande a ponto de tornar-se doloroso. De todas as pessoas que professaram a sua fé na imortalidade da alma, nenhuma parecia saber sobre o assunto; todos acreditavam apenas - isto é, todos com exceção de um.

E, então, irrompeu na sua memória a lembrança de um encontro com um homem de uma estranha e fascinante personalidade, numa popular estância de praia em que foi descansar, em certa ocasião, quando os seus nervos não suportavam um extenuante estudo de um assunto científico. Esse homem, tranquilo, refinado e modesto, atraiu a sua atenção desde o início e, numa ocasião em que a conversa de ambos derivou para as teorias da vida, ele adotou um ponto de vista materialista, tendo o estranho confrontado-o com um número de argumentos aparentemente irrespondíveis. Todavia, não era a força dos argumentos que o impressionava agora e sim a lembrança da voz de autoridade, das maneiras e da conduta daquele que sabia do que estava falando, o

que o fez ficar possuído de um ardente desejo de investigar.

“Será que o estranho saberia de tudo, real e verdadeiramente?”

Ele tinha falado de homens que “deixam os seus corpos à sua vontade do mesmo modo que nos despojamos de um roupão quando mergulhamos na água para nadar”.

“Assim”, disse ele, “procedem também aqueles que entram em certos mundos invisíveis”.

Ele tinha chamado isto de “A Terra dos Mortos que Vivem” e tinha afirmado que os assim chamados mortos ali funcionavam num veículo mais subtil, de posse de todas as suas faculdades e com pleno conhecimento e memória das condições que existiam em torno deles quando viviam esta vida. Ó, se esse estranho pudesse estar aqui, agora, e ele pudesse falar com ele de modo a descobrir mais sobre esse assunto que assumiu então, tamanha importância na sua mente...

Mas, o que foi que apareceu no canto? Seria o estranho, aquela nebulosa e difusa forma no canto escuro distante? E agora parecia ouvir uma voz dizendo, “eu o encontrarei quando você deixar o seu corpo”. Então a figura desapareceu.

Ó! Isso deve ter sido uma fantasia da sua imaginação, uma alucinação do seu cérebro desordenado, pensou ele. O desejo deve tê-lo feito ver coisas; ele não mais

especularia. E, de novo, voltou ao jardim para observar o mostrador do relógio solar à medida que a sua sombra se arrastava em direção às cinco horas fatais.

Ali o encontraram, com um vivo sorriso nos seus lábios, quando saudou o oficial do pelotão e pediu para ser poupado do ignominioso processo de vendar os olhos. Juntos, caminharam em direção ao muro no extremo do jardim, onde ele se voltou para enfrentar o pelotão no momento em que o oficial se perfilou e rapidamente deu a ordem de comando que fez lançar a bala que encontrou o seu coração.

* * * * *

Ele ouviu a detonação das espingardas e sentiu uma pontada de dor como se um ferro em brasa tivesse secado a sua alma. Em seguida, sentiu um forte puxão e, involuntariamente, a sua mão procurou o seu coração, mas, que estranho, antes de ela ter alcançado o peito, a dor já tinha passado e, rapidamente, retornou o seu braço à posição alinhada ao longo do corpo. Ele não podia deixar que os inimigos da sua pátria pensassem que ele era um covarde.

Novamente, ele voltou a sua atenção para o pelotão de fuzilamento, aguardando momentaneamente sentir o impacto das balas que ele já havia sentido por

antecipação, pois, de nenhum outro modo ter-se-ia dado conta do impacto e da dor no seu coração.

Mas, o que significava isso? O pelotão de fuzilamento permanecia perfilado e o oficial dele se afastava, abandonando o local.

Teriam sido tiros de festim? Não, isso seria impensável. Examinou as suas roupas e encontrou três furos no seu casaco bem acima do coração. Introduziu o seu dedo num deles até onde pôde e retirou-o novamente, admirado com a ausência de sangue ou dor. Evidentemente, que tinha sido atingido por três balas e, de acordo com todos os cânones da experiência, ele deveria ter desabado como um fardo e morrido instantaneamente e, no entanto, ali estava ele mais vivo do que nunca. Como poderia ser?

Num impulso, correu atrás do oficial que se afastava, agarrou-o pelo braço e pediu uma explicação, mas o oficial parecia não se importar, nem com a mão que o segurava nem com a inflamada pergunta, continuando a caminhar na direção dos seus homens como se nada tivesse ouvido ou sentido.

“Estarei sonhando, louco ou o quê?”

“Nada disso, meu amigo”, respondeu uma voz ao seu lado, e ele, ao virar-se, viu que lá estava o estranho. “Sou um Rosacruz”, identificou-se. Com um profundo sentimento de alívio, o espião voltou-se para o estranho.

Talvez ele pudesse derramar alguma luz sobre aquela desconcertante experiência.

“Mas como é que chegou até aqui? Não o vi entrar com o pelotão de fuzilamento.”

“Os seus olhos ainda não estavam sintonizados com as vibrações do Espírito; você estava cego pelo véu da carne”, veio a resposta, mas sem que, com isso, o espião demonstrasse o menor sinal de compreensão, o que o fez começar a duvidar da sanidade mental da sua companhia.

“Vejo que você não está entendendo; o que eu lhe disse só fez aumentar a sua perplexidade”, prosseguiu o estranho; “você não percebe que está morto.”

“Morto! Com toda a certeza você deve estar louco. Como posso estar morto se estou aqui diante de si e ainda conversando?”, perguntou o espião, mais perplexo do que nunca.

“Não me expressei de modo adequado; deveria ter dito: ‘o seu corpo está morto’, respondeu o Rosacruz. Mas o espião olhou-o espantado, no mais profundo abandono e desesperança; tudo estava cada vez mais desconcertante; um dos dois tinha perdido a razão, senão ambos.

“O meu corpo está morto! Mas como pode afirmar tal coisa? Não estou eu aqui, de pé, mexendo os meus lábios e falando-lhe? Posso mexer os braços, as pernas e caminhar tão bem quanto você, embora tenha que

confessar que estou atônito por saber que ainda estou vivo com três balas no meu coração.”

“Percebo a sua perplexidade, meu amigo, e logo dar-lhe-ei explicações, mas primeiro venha comigo ao lugar onde estive de frente para o pelotão de fuzilamento; há algo lá do seu interesse.”

Juntos caminharam para o lugar.

“Olhe ali entre as flores, meu amigo”, disse o Rosacruz.

E, quando seguiu a direção do olhar do outro, o espião viu, parcialmente escondido pelas plantas altas e pelas flores que cresciam tão compactamente no jardim, o que parecia ser ele mesmo de bruços. Dobrou-se e procurou virar o corpo caído para resolver esse dilema impossível, porém, perplexidades pareciam acumular-se sobre perplexidades, indefinidamente, pois, quando tentou segurar a forma inerte pelo ombro para a levantar, a sua mão penetrou através dela como se fosse feita de ar e não de carne e osso.

Novamente, levantou-se e virou-se para a sua companhia.

“Pelo amor de Deus, pode esclarecer esta confusão, pois se já não estou insano, enlouquecerei no próximo minuto!”

“Paciência, meu amigo”, respondeu o Rosacruz, “está tudo bem e vou deixá-lo à vontade em poucos minutos. O que aconteceu foi o seguinte:

Quando o pelotão de fuzilamento disparou os tiros fatais, três balas entraram no seu coração com tal efeito que você sentiu a dor por uma fração de segundo antes que o corpo etéreo que você está agora usando fosse libertado de seu corpo físico, o qual caiu então para frente, de rosto para o chão. Desde essa altura, este corpo etéreo servir-lhe-à tão bem ou melhor que o corpo denso do qual você se desfez com a morte.” “Corpo etéreo”, balbuciou o espião, ainda sem poder entender o que era.

“Sim, meu amigo. Parece assim tão estranho que o homem possua um corpo etéreo? A ciência formula a hipótese de que todas as coisas, desde o mineral mais denso ao gás mais rarefeito, se encontram permeadas de éter, e essa é uma hipótese correta. O corpo humano não é uma exceção à regra; também está interpenetrado de éter. Quando ele escapa, a morte ocorre, como foi demonstrado pelo Dr. Mc Dougall há uma década atrás no Hospital Geral de Boston, quando colocou na balança um certo número de pessoas prestes a morrer e eles acusaram, invariavelmente, uma perda de peso no momento em que expiraram.

O que os médicos e cientistas não sabem é que esse éter permanece com a mesma forma e semelhança do corpo denso do morto e continua sendo a morada do Espírito

eterno, embora invisível para aquele que ainda está no seu corpo físico.”

Uma grande luz e um olhar de intenso alívio brilhou na face do espião. “Mas como o éter passou através das minhas roupas, já que estou usando o mesmo traje do meu corpo inerte, e como os furos das balas se reproduziram nas minhas roupas atuais?”

“Trata-se de um truque da mente sub-consciente, meu amigo”, respondeu o Rosacruz. “embora você não esteja ciente do dano sofrido pelo seu corpo, as circunstâncias exatas foram registradas num pequeno átomo localizado no seu coração quando você deu o seu último suspiro ao morrer, pois, a cada inspiração que fazemos, levamos aos pulmões o ar que contém o éter que carrega uma imagem de tudo o que nos cerca, seguindo o mesmo princípio da fotografia que é levada para a placa sensível existente na câmara. O éter entra na corrente sanguínea que o leva ao coração. Lá, o átomo-semente corresponde ao filme fotográfico, cada inspiração sucessiva produzindo uma nova imagem e, assim, encontra-se impressa sobre esse pequeno átomo, uma série de quadros da vida desde o berço até a sepultura. Isso modela o nosso destino após a morte e é a base oculta do ditado: “Como o homem pensa com o seu coração, assim ele é “. Quando a chamada ‘morte’ o retira dos seus corpos, o éter reproduz as

suas roupas; reproduz as peculiaridades físicas com absoluta fidelidade, seguindo o modelo da última imagem gravada no átomo-semente, a alma do qual o homem leva consigo como o árbitro da sua vida no futuro.”

O espião permaneceu em silêncio e perdido nos seus pensamentos por algum tempo, analisando a explicação do Rosacruz de todos os ângulos. Pareceu-lhe perfeitamente correta, lógica e em harmonia com as novas descobertas da ciência. Nem era uma insuperável dificuldade o átomo-semente mencionado pelo Rosacruz ser de dimensões tão diminutas. Não tem o olho de uma mosca numerosas facetas, cada uma delas focando uma imagem do ambiente, e o microscópio não revelou o mundo das coisas diminutas? Quem se atreveria a estabelecer o limite?

“Mas eu tenho que ficar para sempre com furos na minha roupa e ferimentos no meu peito, ou eles vão curar-se e eu vou poder procurar outra roupa?”

“Nada disso, meu amigo. Como já lhe falei, aqui na Terra dos Mortos que Vivem é lei que o que o homem pensa como o seu coração, assim ele é. Os pobres rapazes que tombaram aos milhares nos campos de batalha, horrivelmente mutilados, no princípio da guerra estavam terrivelmente angustiados com os seus estados até lhes ensinarmos a pensar neles como eram antes de virem

para a guerra, fortes e saudáveis. Foi uma tarefa difícil fazê-los acreditar que bastava isso para restaurar-lhes uma condição sadia e foi um serviço moroso, pois eram muitos os necessitados e nós, muito poucos. Mas, aos poucos, eles foram ficando convencidos e em condições de ajudar outras vítimas da guerra até que, agora, há centenas de ajudantes prontos para cuidar e ajudar centenas de mortos.”

“Ah! Você é um aluno perspicaz. Vejo que já remendou a sua roupa e sarou os seus ferimentos.”

“Sim”, respondeu o espião, “e muito obrigado. Nunca poderei pagar-lhe pelo alívio que me deu. Mas tenho uma dificuldade. Como é isso do meu corpo parecer o diáfano ar e as minhas mãos passarem através dele? Eu sei que ele é sólido.”

“Pois é! Isso é engraçado; as pessoas no mundo físico pensam que os chamados fantasmas são compostos de matéria intangível e diáfana como uma espiral de fumaça, isto é, se é que eles tomam conhecimento da sua existência. Pensam que os seus corpos são sólidos como uma pedra. Mas, uma vez que trespassam o véu para a Terra dos Mortos que Vivem, ficam chocados ao descobrir que as pessoas ainda nos seus corpos físicos, são tão imateriais para nós como somos para eles, e que é tão fácil para nós atravessá-los com um braço quanto é

para eles passarem através de nós. De facto, eles tanto parecem fantasmas para nós quanto nós para eles. Você é agora um cidadão da Terra dos Mortos que Vivem. Venha, vamos embora daqui para conhecer o lugar. Mas primeiro, há alguém com quem gostaria de falar? Pois o seu corpo espiritual estará mais denso nas próximas horas do que em qualquer outra ocasião durante a sua existência post-mortem e, portanto, será mais fácil você dirigir-se aos seus amigos agora do que em qualquer outra oportunidade.”

“Tenho uma irmã, porém, ela vive na cidade X que dista daqui uns dez mil quilómetros. Por aqui, não tenho ninguém que me conheça e que se importasse com a minha morte.”

“A distância não é uma barreira para o Espírito”, disse o Rosacruz. “Imagine-se nesse lugar, que estaremos na casa da sua irmã daqui a dois minutos.”

E eles deslocaram-se juntos, embora para o espião não parecesse muito grande a velocidade quando sobrevoaram cidades e aldeias umas após as outras. Pareceu-lhe ter tempo bastante para observar os vários detalhes da região, a arquitetura das casas, o modo do povo vestir-se, etc. Ao passar sobre uma grande extensão de água, notou muitos navios com as suas tripulações e passageiros envolvidos em diversas tarefas e labores. Na verdade, o tempo não se lhe

afigurou longo ou curto; o tempo pareceu inexistente à sua consciência e maravilhou-se consigo mesmo por ter encarado tudo isso tão naturalmente como se em toda a sua vida tivesse estado a flutuar pelo ar, vendo as coisas que agora observava.

Mas algo lhe pareceu estranho incomodando-o um pouco no início: o facto do espaço parecer povoado de espíritos, tal como ele mesmo e o Rosacruz, flutuando através deles. No princípio, ele tentou evitá-los, mas percebeu ser impossível; ele reteve-se diante de uma colisão quando, para sua surpresa, verificou que aquelas pessoas passavam flutuando através dele e do seu companheiro, como se eles não existissem. Naquele momento, este facto encheu-o de consternação e perplexidade até que o Rosacruz, observando o seu dilema, riu confiantemente e ordenou-lhe que não se preocupasse, acrescentando que aquilo era costume na Terra dos Mortos que Vivem, pois lá todas as formas eram de certo modo plásticas, que se interpenetravam facilmente todas as vezes, e que não havia perigo algum de alguém perder a identidade.

Chegando à casa da sua irmã, encontraram-na sentada numa confortável sala de estar. O espião correu impulsivamente para abraçá-la apenas para constatar, para seu desalento, que ela estava absolutamente inconsciente da sua presença e que as

mãos dele, em vez de apertar as dela, passavam através das mesmas.

De novo, ele se virou para o Rosacruz e perguntou-lhe o que poderia fazer para tornar-se percebido. “Fique de pé nesse canto, aqui onde a luz é fraca, pois as vibrações etéreas da luz são mais fortes que as vibrações que você pode emitir. Então, organize com firmeza, na sua mente, a mensagem que você quer transmitir e pense nisso com toda a intensidade de que seja capaz. Foi a intensidade do seu pensamento, antes de enfrentar o pelotão de fuzilamento, que chegou a mim na minha casa e me fez deixar por certo tempo o meu corpo físico para poder vir ter consigo e dar-lhe uma ajuda na sua hora de transição. Se você puder, com intensidade semelhante, pensar na mensagem que deseja transmitir à sua irmã, ela vai recebê-la e os seus olhos dirigir-se-ão para si”.

Assim instruído, o espião formulou a seguinte mensagem: “Encontro-me na Terra dos Mortos que Vivem; eu atravessei o véu”. Olhando fixamente para a sua irmã, permaneceu ali, imóvel, reiterando a mensagem por alguns minutos. Subitamente, os olhos da sua irmã procuraram o canto onde ele se encontrava e, percebendo ali a presença do irmão, começou a tremer e caiu desmaiada no chão. Imediatamente, o espião correu

para a levantar, quando, com um grito de alegria, ela se atirou nos seus braços.

“Ó, você chegou, Bob? Há poucos dias recebi uma carta dizendo que tinha sido enviado numa perigosa missão, e aqui está. Como foi que isso aconteceu?”

Uma vez mais, o rosto do espião ficou tomado por um pálido espanto. Ele tinha visto a sua irmã cair, e agora encontrava-se de pé! Ela também estava morta?

“Não”, explicou o Rosacruz, enquanto dava um passo em frente e se apresentava perante ela como um amigo de Bob. “Não, ela não está morta; apenas desmaiou e terá que retornar ao seu corpo. Lá está o corpo dela, caído no chão, tal qual o seu corpo, Bob, após lhe terem desferido o tiro fatal. Provavelmente, ela não terá nenhuma lembrança de ter falado consigo, nem ficará sabendo que você está na Terra dos Mortos que Vivem, mas terá apenas a impressão de ter visto o seu fantasma e de que algo se passou consigo; quer dizer, a menos que você tenha conseguido impressioná-la o suficiente com a sua mensagem, quando afirmou que atravessou o véu e se encontra, neste momento, na Terra dos Mortos que Vivem. Todas as noites, porém, quando ela for dormir, você terá a mesma chance de falar-lhe como agora, pois, quando estamos dormindo, vamos para o mesmo lugar daqueles que o mundo chama de ‘mortos’.”

Nesse momento, a irmã do espião parecia ter caído no sono e foi irresistivelmente atraída para o corpo que jazia no chão. Gradativamente, o espião viu que ela se desvanecia e desaparecia dentro daquela forma que, em seguida, começou a gemer e a mover-se.

“Vem, vamos embora”, disse o Rosacruz. “Enquanto você falava com ela, eu trabalhei sobre o corpo dela, fazendo tudo o que podia para facilitar o seu retorno ao estado consciente. Não há nada que possamos fazer por ela. Vem, vamos embora daqui.”

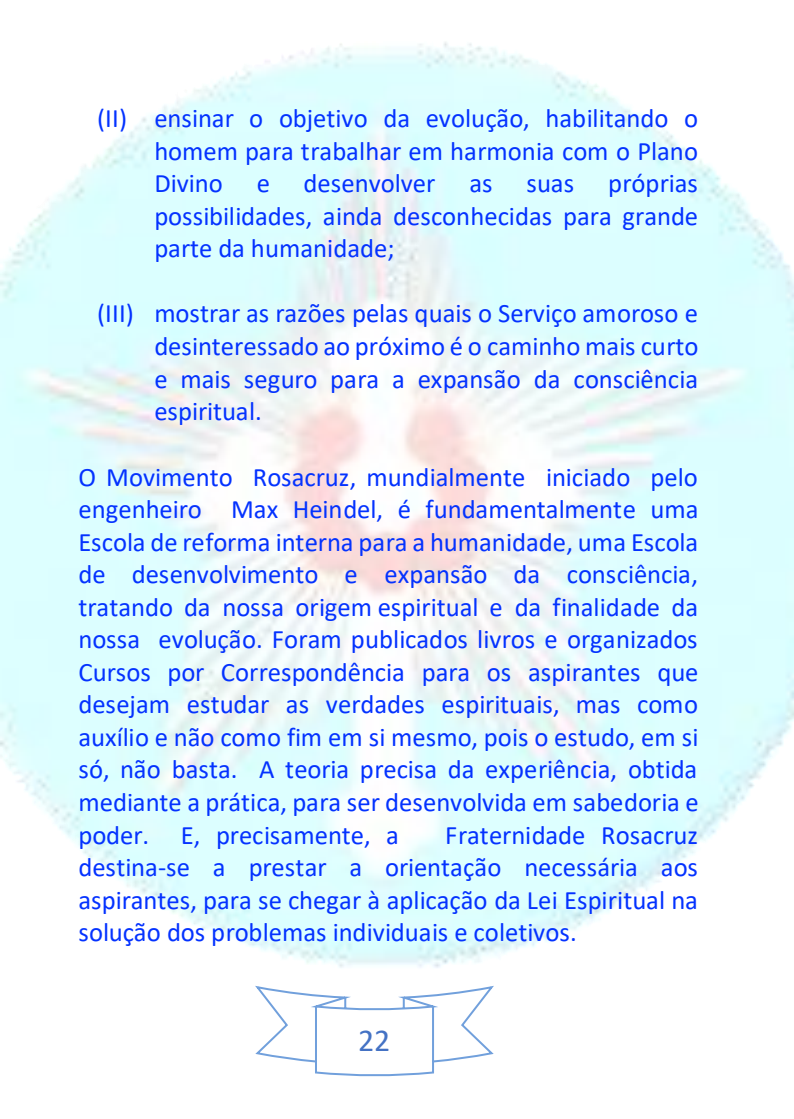
A Fraternidade Rosacruz e a Sua Missão

A Fraternidade Rosacruz Max Heindel não é uma seita ou organização religiosa, mas sim uma grande Escola de Pensamento. A sua finalidade principal é divulgar a admirável filosofia dos Rosacruzes, tal como ela foi transmitida ao mundo por Max Heindel, escolhido para esse fim pelos Irmãos Maiores da Ordem Espiritual.

Os seus ensinamentos projetam luz sobre o lado científico e o aspeto espiritual dos problemas relacionados com a origem e evolução do homem e do Universo. Tais ensinamentos, contudo, não constituem um fim em si mesmo, mas um meio para o ser humano se tornar melhor em todos os sentidos, desenvolvendo assim o sentimento de altruísmo e do dever, para o estabelecimento da Fraternidade Universal.

O fim a que se destina a Filosofia Rosacruz é o de despertar a humanidade para o conhecimento das Leis Divinas, que conduzem toda a evolução do homem, e, ainda:

- (I) explicar as fontes ocultas da vida. O homem, conhecendo as forças que trabalham dentro de si mesmo, pode fazer melhor uso das suas qualidades;

- 
- (II) ensinar o objetivo da evolução, habilitando o homem para trabalhar em harmonia com o Plano Divino e desenvolver as suas próprias possibilidades, ainda desconhecidas para grande parte da humanidade;
 - (III) mostrar as razões pelas quais o Serviço amoroso e desinteressado ao próximo é o caminho mais curto e mais seguro para a expansão da consciência espiritual.

O Movimento Rosacruz, mundialmente iniciado pelo engenheiro Max Heindel, é fundamentalmente uma Escola de reforma interna para a humanidade, uma Escola de desenvolvimento e expansão da consciência, tratando da nossa origem espiritual e da finalidade da nossa evolução. Foram publicados livros e organizados Cursos por Correspondência para os aspirantes que desejam estudar as verdades espirituais, mas como auxílio e não como fim em si mesmo, pois o estudo, em si só, não basta. A teoria precisa da experiência, obtida mediante a prática, para ser desenvolvida em sabedoria e poder. E, precisamente, a Fraternidade Rosacruz destina-se a prestar a orientação necessária aos aspirantes, para se chegar à aplicação da Lei Espiritual na solução dos problemas individuais e coletivos.

"O que uma geração considera como o máximo de saber, é frequentemente considerado como absurdo em gerações seguintes; e o que, num século, é considerado como superstição ou ilusão, pode formar a base da ciência nos séculos vindouros."

(Paracelso)

"Ao discípulo da antiga sabedoria é ensinado a perceber que o homem não é essencialmente uma personalidade, mas um espírito."

(Manly P.Hall)

Grupo de Estudos Fraternidade Rosacruz Fiat Lux
Rua Conde Castro Guimarães, nº13-3º Esq.
2770-113 Amadora, Portugal
mail: rosacruzfiatlux@gmail.com
Tlm: +351 913 072 400



FRATERNIDADE ROSACRUZ
Sede Central do Brasil
Rua Asdrúbal do Nascimento, 196
01316-030 - S. Paulo - SP - Brasil
Tel./Fax: (011) 3107-4740
E-mail:
rosacruz@fratemitaderosacruz.org.br

O Maior erro é a ignorância, e a única
salvação é o conhecimento aplicado

O único fracasso,
É deixar de lutar,
Max Heindel

Sede Mundial
THE ROSICRUCIAN FELLOWSHIP
P. O.Box 713
Oceanside, CA 92049-0713 - USA
Fundada por Max Heindel em 1909

COLEÇÃO OPÚSCULOS

1. Interpretação Rosacruz do Cristianismo
2. Crescimento Espiritual e Desenvolvimento Psíquico
3. Coração - Um Órgão Maravilhoso
4. Efeitos nocivos do álcool, do fumo e de outras drogas
5. Fraternidade Rosacruz – Um Movimento Aquariano
6. Vida mais abundante
7. O renascimento - A chave mestra
8. Oriente e Ocidente
9. Hinos
10. As últimas horas de um espião



Grupo de Estudos Fraternidade Rosacruz Fiat Lux

Rua Conde Castro Guimarães nº13, 3º Esq

2720-113 Amadora, Portugal

mail: rosacruzfiatlux@gmail.com

tlm: +351 913 072 400